



HUMANIZAÇÃO E ÉTICA: DESAFIOS DO MUNDO CONTEMPORÂNEO, CONTRIBUIÇÕES DA ENGENHARIA CIVIL POR MEIO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

HUMANIZATION AND ETHICS: CHALLENGES OF THE CONTEMPORARY WORLD, CONTRIBUTIONS OF CIVIL ENGINEERING THROUGH UNIVERSITY EXTENSION

Renato Damasceno Netto¹
Elke Berenice Kolln²
Paulo Henrique Maciel Barbosa³
Maria Auxiliadora da Silva⁴
Robson Figueiredo Brito⁵

RESUMO: Este artigo pretende apresentar algumas reflexões acerca de como a Extensão Universitária é lugar, por excelência, de construção humana e ética em nossa sociedade contemporânea. Inicialmente, buscamos identificar o que realmente vivemos e experimentamos em tempos marcados por grandes mudanças em todos os aspectos da vida humana. Para enfrentar a crise pós-moderna, nossa reflexão aborda os seguintes temas: a humanização, entendida como processo constitutivo do sujeito; e a ética, entendida como sustentáculo para o agir humano. Procuramos ir além da mera narrativa de um projeto de extensão e de sua avaliação por indicadores de desempenho. Pelo contrário, arriscamos articular a atual crise com o referencial teórico de Paulo Freire e a execução do Projeto de Extensão Universitária da Engenharia Civil - PUC Minas – Campus São Gabriel, no Programa Vila Fátima, na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

PALAVRAS-CHAVE: Humanização e ética; Mundo contemporâneo; Extensão universitária.

ABSTRACT: This article aims to present some reflections on how the University Extension is place, by excellence, of human construction and ethics in our contemporary society. Initially, we seek to identify what we really live and experiment in times that are marked by major changes in all aspects of human life. To confront the post-modern crisis, our reflection addresses the following themes: the humanization, known as constitutive process of the subject; and ethics, understood as a support for the human action. We tried to go beyond the mere narrative of an extension project and its evaluation by performance indicators. On the contrary, we risk to articulate the current crisis with the theoretical referential of Paulo Freire and the implementation of the Project of University Extension of Civil Engineering - PUC Minas – Campus São Gabriel, in the Program Vila Fátima, in the Metropolitan Region of Belo Horizonte.

KEYWORDS: Humanization and ethics; Contemporary world; University Extension.

¹ Voluntário do Projeto. Engenheiro Eletricista pela PUCMINAS - Coração Eucarístico. Graduando em Psicologia na PUCMINAS – São Gabriel. rdnetto@terra.com.br

² Orientadora do Projeto. Mestre em Arquitetura e Urbanismo (UFMG), Professora Assistente I do Departamento de Engenharia Civil da PUC Minas unidades São Gabriel e Coração Eucarístico. elkekolln@gmail.com

³ Orientador do Projeto. Mestre em Engenharia Civil (CEFET MG). Professor Assistente I do Departamento de Engenharia Civil da PUC Minas unidades São Gabriel e Barreiro. Professor convidado do Departamento de Arquitetura e Urbanismo PUC Minas Coração Eucarístico. paulohenrique@pucminas.br

⁴ Psicóloga. Doutora e Mestre em Psicologia Social. Especialista em Psicologia Clínica e em Psicologia Educacional. Bacharel em Teologia. Professora na PUC Minas. aux_silva@yahoo.com.br

⁵ Psicólogo Clínico, Professor Adjunto I, do Departamento de Filosofia, do Instituto de Filosofia e Teologia Dom João Rezende Costa, Doutor em Letras: Linguística e Língua Portuguesa, Pesquisador do NELLF (Núcleo de Estudos da Linguagem, Letramentos e Formação) PPG Letras. robsonpucminas@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

No momento em que iniciamos o Projeto de Extensão na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Unidade São Gabriel, não poderíamos imaginar que, algum dia, escreveríamos um artigo, no qual relataríamos a experiência vivenciada ao longo do ano de 2017 e, ao mesmo tempo, apresentariamos algumas reflexões sobre a Extensão Universitária e sua importância no enfrentamento de dilemas de nossa contemporaneidade.

As reflexões aqui manifestadas são elaboradas a partir do convívio com os professores/coordenadores, os alunos extensionistas, o público-alvo do Projeto de Extensão e, também, com todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para o seu sucesso.

Devemos, ainda, registrar que não há um caminho pronto, definido, rígido e imutável. Pelo contrário, tudo está continuamente em construção e, conseqüentemente, as retificações ou alterações serão constantes.

O presente artigo está organizado em 07 (sete) tópicos. Após esta breve introdução, retratamos, no segundo tópico, a conjuntura de nossos tempos contemporâneos. Tempos notabilizados por grandes transformações em todos os aspectos da realidade humana, o que demanda, certamente, um exame profundo. Assim, empreendemos o esforço de pensar sobre o que, realmente, vivemos e experimentamos, quando tudo parece fluir liquidamente⁶ em nossas vidas.

No terceiro tópico, com o objetivo de atingir as raízes viscerais da crise contemporânea, abordamos como possibilidades de acesso: o tema da humanização, entendida como processo constitutivo do sujeito; e o da ética, visto como sustentáculo para o agir humano.

Em seguida, no quarto tópico, expomos uma leitura do pensamento de Paulo Freire⁷, no qual ele ressalta a necessidade de se ter um novo processo educacional na Extensão, de forma que o educando, em liberdade, aproprie-se de sua história e atue sobre esta, transformando-a, tendo em vista o bem comum.

No quinto tópico, descrevemos, de maneira funcional e experimental, o Projeto de Extensão da Engenharia Civil executado no Programa Vila Fátima⁸, que atende as comunidades de Justinópolis – na cidade de Ribeirão das Neves, região metropolitana de Belo Horizonte.

⁶ O conceito de modernidade líquida está presente no pensamento do Sociólogo e Filósofo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017).

⁷ Paulo Freire (1921-1997) – Educador, Pedagogo e Filósofo brasileiro. Patrono da Educação no Brasil.

⁸ PROGRAMA VILA FÁTIMA – Programa Social da Arquidiocese de Belo Horizonte desenvolvido por meio da PUC Minas e da Providência Nossa Senhora da Conceição, localizado em Justinópolis, no município de Ribeirão das Neves, cidade da região metropolitana de Belo Horizonte.

Por fim, procuramos, nos tópicos sexto e sétimo, a título de discussão e conclusão, ir além da simples narrativa do Projeto e de sua avaliação a partir de indicadores de desempenho e, desta forma, arriscamo-nos a articular a crise do atual momento social pós-moderno, o pensamento de Paulo Freire e o impacto gerado, pela execução do Projeto, na vida de todos os participantes.

2 MUNDO CONTEMPORÂNEO

O nosso mundo contemporâneo é marcado por mudanças significativas e pelo advento de novos paradigmas, o que, possivelmente, justifica a multiplicidade de nomes, sendo identificado como pós-modernidade, ou hipermodernidade ou modernidade tardia.

Os valores humanos, que amadureciam ao longo do tempo, são, agora, substituídos, extintos, ou até mesmo, abandonados em razão do que podemos denominar de discernimento inadequado, carregado de egocentrismo, relativismo, niilismo, pragmatismo, utilitarismo e hedonismo. Como consequência, temos desacertos dos mais simples aos mais graves. Neste cenário, é comum que o pragmatismo exacerbado nos arraste para uma armadilha: a saída da presunção de que nós podemos fazer tudo para cair no desespero de que nada pode ser feito.

De acordo com Galimberti⁹ (2004), aos tradicionais vícios do homem, quais sejam: a ira, o orgulho, a inveja, a avareza, a gula, a luxúria e a preguiça, hoje, acrescentam-se os novos, tais como: o vício do consumismo, do conformismo, do despudor, da sexomania, da sociopatia, da denegação e do vazio.

Neste artigo, centraremos nossa reflexão do mundo contemporâneo a partir do novo vício do conformismo. Conformismo este que nos conduz a um caminho no qual há uma única condição de existência e que se torna imperioso conformar-se a esta sociedade homologada e normótica¹⁰.

Em tempos de tecnologias avançadas e de economia globalizada, o mundo contemporâneo revela-se como senhor absoluto e como o único possível, não havendo espaço para alternativas. Destroem-se as utopias. Ao ser humano, para sua sobrevivência, basta estar adaptado e agir em conformidade com o estabelecido. Eliminando-se o discernimento e a escolha, a contribuição humana no planeta será regida pela máxima da desoneração de responsabilidades do sujeito. Trabalhar significa, unicamente, colaborar com o que está posto como exclusiva

⁹ Umberto Galimberti (1942-) – Italiano. Filósofo, Antropólogo, Psicólogo e Professor Universitário.

¹⁰ Normose: termo criado por Pierre Weil (1924-2008). Educador e Psicólogo francês que residiu no Brasil. Pode ser entendido como um conjunto de crenças, normas, padrões, hábitos de pensar e agir, que são seguidos por uma maioria em uma determinada sociedade, mas que causam alienação, doença e até a morte.

possibilidade de mundo. A este modo de proceder, Galimberti (2004) cunhou a expressão “consciência homologada”.

Neste ponto, o homem, como animal, expressar-se-á por meio de condutas conformes e, enquanto conformes, previsíveis, naquela série de ações homologadas que acontecem quando:

- a) trabalhar é colaborar com o aparato;
- b) a colaboração é exonerada dos escopos e reduzida à conscienciosidade na execução do trabalho;
- c) o todo, em um horizonte, privado do futuro, abole qualquer projeção de uma conduta não homologada. (GALIMBERTI, 2004, p.82).

Deste modo, agir adaptado à “consciência homologada” faz com que nós nos esqueçamos do pensamento de Jiddu Krishnamurti¹¹, que advertia: “não é sinal de saúde estar bem adaptado a uma sociedade doente”.

Todavia, a “consciência homologada” não se basta por si só, não é autossuficiente. Carece, simultaneamente, ser complementada por estratégias que submetam os indivíduos a ela, de forma inconsciente. Desse modo, urge reconhecer a presença não somente de uma “consciência homologada”, mas de uma “inconsciência a uma consciência homologada”.

Uma das artimanhas empregadas é o que poderíamos chamar de “sequestro de tempo”¹² das pessoas, que se perdem em um emaranhado de tarefas e seduções das mais diversas espécies, não lhes restando períodos de reflexão e de silêncio. Não por acaso a falta de tempo é o argumento mais recorrente como impeditivo para a não realização de muitas obrigações. Sem tempo para pensar, restam-lhes seguir na fluidez da correnteza.

Há, também, subliminarmente, uma sedução pelo poder, muitas vezes não notada. O padrão de vida atual se resume ao consumo desenfreado e insustentável de recursos até a exaustão. Sentimo-nos livres e poderosos, porém, esquecemo-nos, por ação da “consciência homologada”, de que tudo que usufruímos pertence a um mundo único e insubstituível. Portanto, esta sensação de liberdade não passa de uma ilusão.

Outro subterfúgio empregado para a construção de uma “inconsciência da consciência homologada” é a obscuridade com que o mal se revela no mundo. Sem rosto, ele se torna de difícil reconhecimento. Perde-se a noção de bem e de mal, de justo e de injusto. Esconde-se a coação, pois, se há somente um único mundo, viver submetido a ele trata-se de estar em ordem e ser obediente aos seus ditames. Ao afirmar que todos são iguais, o aparato da técnica e

¹¹ Jiddu Krishnamurti (1895-1986) – Indiano. Filósofo, Escritor e Educador.

¹² Expressão utilizada pelo Filósofo Mário Sérgio Cortella no Programa Sempre um Papo. Palácio das Artes – Grande Teatro. Belo Horizonte, MG. 07 de mai. 2014.

da globalidade retira o sentido do debate entre opressor e oprimidos, eliminando o discurso dialético hegeliano, tornando-o despropositado.

A respeito da crise que nós vivemos no mundo contemporâneo, Lima Vaz (2002) nos instiga afirmando:

Não é, pois, no terreno da produção dos bens materiais e da satisfação das necessidades vitais que a crise profunda se delinea. É no terreno das razões de viver e dos fins capazes de dar sentido a aventura humana sobre a terra. Em suma, a crise da civilização no futuro que já se anuncia no nosso presente, não será uma crise do *ter*, mas uma crise do *ser*. Será um conflito dramático não apenas nas consciências individuais, mas igualmente na consciência social entre *sentido* e *não-sentido*. (VAZ, 2002, p. 58).

Portanto, não sendo uma crise do *ter*, mas sim do *ser*, as suas raízes profundas estão localizadas na constituição do próprio sujeito, em sua humanização e naquilo que ela traz consigo como consequência.

Quem não se humaniza adequadamente não é capaz de agir de forma ética. Por conseguinte, a ética, igualmente, é constitutiva do sujeito enquanto capacidade reflexiva sobre seus atos, que, assim, podem ser considerados como éticos, se válidos para todos. Agir de forma ética é fazer o bem e não, simplesmente, combater o mal.

O grau de consciência ética do sujeito poderá ser indicado pelo seu modo de ser, seu estilo e seu caráter, embora caiba aqui ressaltar os eventuais atravessamentos causados pelo inconsciente e pela linguagem. Sua finalidade é que tenhamos uma proposta para sermos felizes, ou no mínimo contentes, tanto individual quanto coletivamente. No entanto, o mundo contemporâneo nos prende em nosso egocentrismo, sendo tudo extensão de nós mesmos, não havendo espaços para a alteridade.

Neste contexto, o relativismo ético aparece quando tudo tem o mesmo valor, tudo é igual e, ao mesmo tempo, tudo é subjetivo. Logo, inexiste um sentimento de valor universal. Nossas ações estão atravessadas de um pragmatismo exacerbado e, em razão de nossas decepções, caímos no niilismo. Esquecemos o que é uma vida boa e pensamos na vida bem sucedida.

Desta forma, o sujeito ético, que busca o bem – a felicidade –, é substituído pelo sujeito moral, conformado e obediente a normas. Ressaltamos que o sujeito ético não é, necessariamente, um sujeito moral. Assim, se, na nossa busca da felicidade, esta se tornar uma obsessão, poderemos muitas vezes atingi-la, mas ela será fugaz; e, caso não seja atingida, poderá vir acompanhada de conteúdos neurotizantes.

Será que estamos, irremediavelmente, submetidos à escravidão do mundo pós-moderno que aniquila qualquer possibilidade de felicidade? Mas, afinal, o que é humanização?

Portanto, compete-nos, agora, perscrutar e buscar responder a essa pergunta filosófica, que se anuncia instigante e provocativa.

3 HUMANIZAÇÃO E ÉTICA – CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

É fato que, desde o nascimento, o homem surge como ser de desejos e, também, incompleto. A sua existência é perpassada pela dor e pelo sofrimento, o que o faz buscar o sentido para a sua vida. Aqueles que têm fé percebem-se constituídos e habitados pelo Amor que os preenchem e os salvam do absurdo do nada, enquanto os incrédulos ancoram suas convicções na capacidade do amor humano como base de sustentação das relações interpessoais. Conhecer profundamente este caminho é compreender, em última instância, o que nos compete fazer em nossa existência humana.

Inicialmente, partimos, ainda que precariamente, do conceito de humanização aqui entendido como sendo um caminho de autoconhecimento, de realização pessoal, de construção de relações, de cuidados e de responsabilidades perante os outros no alívio de suas dores, perante o Universo e, para os crédulos, perante a Deus. Entretanto, ao procurarmos o significado de humanização em diversas fontes bibliográficas, o resultado encontrado é surpreendente.

Pesquisados os seguintes termos: humanização; humanizar; humanidade; humano; humanismo, Aurélio Buarque de Holanda (1986), em seu dicionário, define humanização como o ato ou efeito de humanizar existente nos processos relacionais dos homens.

Em Japiassú e Marcondes (2008), não há qualquer referência à palavra humanização, enquanto, em Comte-Sponville (2003), os vocábulos humanização e hominização se relacionam conceitualmente. Assim sendo, aquela é definida como um processo histórico, cultural e complementar desta (processo biológico).

Deste modo, as concepções de humanização, quando existentes, ora são demasiadamente sintéticas, ora reducionistas. Logo, não são esclarecedoras e nem alcançam a essência do termo.

Em nossa sociedade contemporânea, na qual os unilateralismos radicais estão muito presentes, os vínculos de convivência são voláteis e o individualismo é traço marcante. Pensar em humanização é trabalho desafiador e, inclusive, de risco de não se discutir o assunto profundamente ou de se exceder em digressões inócuas. Contudo, faz-se essencial uma aborda-

gem ampla e profunda do processo de humanização. Afinal, trata-se de nossa mais importante tarefa neste mundo: sermos humanos e humanizar nossas relações. Então, como fazê-la?

O filósofo espanhol Cabada Castro (1998) encontra, no amor, a raiz que sustenta todo o desenvolvimento humano. A partir de uma análise multidisciplinar, ele coordena dados analíticos de experiências psicológicas, antropológicas e etológicas com o pensamento filosófico. No final de sua obra, o autor se depara, no trabalho de E. Lévinas, com um convite:

A obra filosófica de E. Lévinas é toda ela um convite a este novo modo de conceber a realidade, ao colocar em primeiro plano o encontro com o outro, com o rosto do outro. Daí a primazia da ética sobre a metafísica, em Lévinas. O rosto é débil e forte, não faz força fisicamente e, no entanto, obriga e provoca. Como já ocorria em Santo Agostinho, a entrega pessoal ou a ação amorosa não provém fundamentalmente da própria pessoa, do eu ou do sujeito, nem tampouco – e nisto se mostra a diferença com a visão agostiniana – de alguma energia diferente do outro. Surge do próprio rosto do outro. O rosto da pessoa que se oferece ao meu olhar é a verdadeira categoria ontológica que faz o eu sair de si mesmo para o exterior de si mesmo, e com isso destrói a moderna presunção da subjetividade. Desse modo, para Lévinas, descobre-se no rosto dos outros vestígios da divindade. (CABADA CASTRO, 1998, p. 391-392).

Desta forma, a humanização, antes de ser apenas um ato ou efeito de nossas relações, é a constituição do próprio sujeito na sua essência e o lançamento dele ao encontro do outro. Assim, evidenciamos, prontamente, a existência de uma circularidade de atitudes: contemplativamente, somos interpelados pelo outro, que nos constitui; e, uma vez humanizados, podemos e devemos agir para o outro, no alívio de suas dores e sofrimentos.

Humanização é, pois, sermos plasmados pelo outro que nos dirige seu olhar, o qual nós acolhemos. É responder, de forma profunda, individual e coletivamente, às perguntas inquietantes: Onde estás? Onde está o teu irmão?

Não perseguimos a felicidade, mas sim a encontramos através de uma razão para ser feliz, estado este garantido pelo efeito da descoberta, pois, assim será atendida a nossa condição humana de autotranscendência, conforme Frankl (1991)¹³ a define:

A autotranscendência assinala o fato antropológico fundamental de que a existência do homem sempre se refere a alguma coisa que não ela mesma – a algo ou a alguém, isto é, a um objetivo a ser alcançado ou à existência de outra pessoa que ele encontre. Na verdade, o homem só se torna homem e só é completamente ele mesmo quando fica absorvido pela dedicação a uma tarefa, quando se esquece de si mesmo no serviço a uma causa, ou no amor a outra pessoa. É como o olho, que só pode cumprir sua função de ver o mundo enquanto não vê a si próprio. (FRANKL, 1991, p. 18).

¹³ Victor Emil Frankl (1905-1997) – Austríaco. Psiquiatra e fundador da Logoterapia, Escola da Psicologia Existencial-Humanista.

Diante disso, nas ações essencialmente humanas e éticas, o sujeito deve autotranscender em direção ao outro, que o interpela com as suas realidades. A sua conduta não é a de ensinar ou de substituir modos de proceder, mas sim a de criar espaços e condições, para que a capacidade de transformar realidades seja aflorada naquele que por elas está afetado.

4 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA – UM PROCESSO EDUCACIONAL

Está na Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, em seu Título VIII – Da Ordem Social; Capítulo III – Da Educação, da Cultura e do Desporto; Seção I – da Educação, no *caput* do artigo 207, a indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão nas Universidades:

Art. 207. As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Embora muito se discuta a real efetividade do citado princípio, o objeto do presente estudo será o lugar ocupado pela Extensão Universitária, compreendida como processo educacional, na sociedade. Para isto, sobressai o pensamento de Paulo Freire (1989), que publicou, no Chile, um livro, no qual faz considerações acerca do trabalho dos agrônomos, chamados de extensionistas, com os camponeses daquele país. No prefácio da edição chilena, em abril de 1968, Jacques Chonchol¹⁴ assinala:

Neste ensaio, Paulo Freire, educador brasileiro de renome universal que trabalhou no Chile durante os últimos anos, analisa o problema da comunicação entre o técnico e o camponês, no processo de desenvolvimento da nova sociedade agrária que se está criando. O conteúdo de suas linhas é profundo, por vezes difícil de seguir, mas quando se consegue penetrar em sua essência, revela-nos um mundo novo de verdades, de relações entre elas, de ordenação lógica de conceitos. Ao lê-lo nos damos conta de que as palavras, seu sentido, seu contexto, as ações dos homens, sua luta por dominar o mundo, por impor sua marca na natureza, sua cultura e sua história, formam um todo em que cada aspecto tem sua significação não apenas em si mesma, mas em função do resto. Mais do que uma análise do trabalho como educador, do agrônomo equivocadamente chamado “extensionista”, o presente ensaio nos parece uma síntese muito profunda do papel que Paulo Freire assinala à educação compreendida em sua perspectiva verdadeira, que não é outra senão a de humanizar o homem na ação consciente que este deve fazer para transformar o mundo. (FREIRE, 1969, p. 7).

O conhecimento que Paulo Freire desenvolve, nesta preciosa obra, extrapola os limites particulares da realidade sobre a qual ele se debruçou, e pode ser aproveitado, integralmente, em quaisquer atividades da Extensão Universitária. A magistral abordagem elevou tal traba-

¹⁴ Jacques Chonchol (1926-). Político chileno. Ministro da Agricultura no Governo (1970-1973) de Salvador Allende (1908-1973).

lho ao posto de fonte indispensável de consulta para aqueles que se ocupam da verdadeira compreensão do tema. O encadeamento, a lucidez e a clareza de seu raciocínio, paradoxalmente, dificultam a tarefa de selecionar eventuais trechos, pois, ao escolhermos alguns dentre tantos, sempre incorremos no risco de ignorar qualquer ensinamento relevante. Portanto, recomendamos, permanentemente, ao leitor, se suscitado pela insaciedade do conhecimento, a pesquisa da fonte original deste grande mestre da educação.

Preliminarmente, Freire (1969, p. 11-13) examina cuidadosamente o termo Extensão e, em seguida, suas definições, desaprovando àquelas associadas à “transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanicismo, invasão cultural, manipulação, etc.”, pois, neste sentido, haveria a redução do indivíduo, que se beneficia da Extensão, em “quase coisa”, negando, de imediato, sua condição de agente transformador de seu ambiente. Diz ele que, assim procedendo, “o que busca o extensionista não é estender suas mãos, mas seus conhecimentos e suas técnicas”. Referindo-se a esta forma mecanicista de Extensão, que leva, transfere, entrega e deposita sobre alguém alguma forma de saber, Freire ainda questiona:

Será o ato de conhecer aquele através do qual um sujeito, transformado em objeto, recebe pacientemente um conteúdo de outro? Pode este conteúdo, que é conhecimento de, ser “tratado” como se fosse algo estático? Estará ou não submetendo o conhecimento a condicionamentos histórico-sociológicos? Se a pura tomada de consciência das coisas não constitui ainda um “saber cabal”, já que pertence à esfera da mera opinião (doxa), como enfrentar a superação desta esfera por aquela em que as coisas são desveladas e se atinge a *razão* das mesmas? (FREIRE, 1969, p. 15).

Logo depois, o saudoso mestre nos adverte que a Extensão, também, não pode cometer o equívoco de ser unicamente uma prática simplista de substituição dos conhecimentos empíricos das comunidades por técnicas que lhes seriam impostas. Assim agindo, eliminar-se-ia a reflexão filosófica que é necessária, quando se trata do saber gnosiológico¹⁵, e, impedir-se-ia a formação do pensamento crítico ante as realidades. Ao mesmo tempo, o educador igualmente nos alerta quanto ao risco da degeneração do estudo filosófico em “verbalismos vazios” ou “na mera explicação da realidade que deve permanecer de forma intocada”.

A reflexão filosófica se impõe neste como em outros casos. Não é possível eludi-la, já que o que a Extensão pretende, basicamente, é substituir uma forma de conhecimento por outra. E basta que estejam em jogo formas de conhecimento para que não se possa deixar de lado uma reflexão filosófica. O fundamental, porém, é que esta reflexão, de caráter teórico, não se degenere nos verbalismos vazios nem por outro lado, na mera explicação da realidade que devesse permanecer intocada. Em outras palavras, reflexão em que a explicação do mundo devesse significar a sua aceitação, transformando-se, desta forma, o conhecimento do mundo em instrumento para a adaptação do homem a ele. (FREIRE, 1969, p. 16).

¹⁵ Gnosiologia – Parte da filosofia que estuda a teoria do conhecimento humano.

No entanto, a instauração da referida reflexão filosófica sobre o conhecimento somente é viável a partir da fundação de um novo processo educacional, que privilegie os encontros dialógicos, assim delineados:

O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos. Este encontro amoroso não pode ser por isto mesmo, um encontro de inconciliáveis. Não há nem pode haver invasão cultural dialógica; não há manipulação nem conquistas dialógicas: estes são termos que se excluem. (FREIRE, 1969, p.28).

Neste sentido, Freire (1969, p.46) explica o novo processo educacional: “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. Portanto, concluímos que o encontro dialógico, neste novo cenário pedagógico, é um modo de proceder que, antes de tudo, é um despojar-se do saber diante do outro.

Para que isto aconteça, é indispensável que o educador mantenha sua atenção, de forma intencional e consciente, para o educando, apreendendo dele a sua realidade. Este, por sua vez, em contato com o educador, desvela, para si mesmo sua realidade, tornando-se livre para promover as ações que irão transformá-la para o bem de todos. Tal circularidade de atitudes é que vai possibilitar a instauração da verdadeira conscientização no educando.

Este aprofundamento da tomada de consciência, que se faz através da conscientização, não é, e jamais poderia ser, um esforço de caráter intelectualista, nem tampouco individualista. Não se chega à conscientização por uma via psicologista, idealista ou subjetivista, como tampouco se chega a ela pelo objetivismo, por todas as razões a que já fizemos referência. Assim como a tomada de consciência não se dá nos homens isolados, mas enquanto travam entre si e o mundo relações de transformação, assim também somente aí pode a conscientização instaurar-se. A tomada de consciência, como uma operação própria do homem, resulta, como vimos de sua defrontação com o mundo, com a realidade concreta, que se lhe torna presente como uma objetivação. Toda objetivação implica numa percepção que, por sua vez, se encontra condicionada pelos ingredientes da própria realidade. (FREIRE, 1969, p. 52).

Em resumo, será esse novo processo educacional, constituído de encontros dialógicos, fundados na suspensão de conhecimentos prévios, juntamente, com a atenção intencional e consciente para o educando, que possibilitará que a conscientização surja dentro dele, libertando-o.

Educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a “sede do saber”, até a “sede da ignorância” para “salvar”, com este saber, os que habitam nesta. Ao contrário, educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, pa-

ra que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais. (FREIRE, 1969, p. 15).

Como resultado, Freire critica, classificando como insatisfatórias e ineficazes, as experiências educacionais unilaterais, tanto as subjetivistas quanto as objetivistas, porque, em ambas, eliminam-se os encontros dialógicos.

Se o solipsismo erra quando pretende que somente o Eu existe e que sua consciência alcança tudo, sendo um absurdo pensar uma realidade externa a ela, erra também o objetivismo acrítico e mecanicista, grosseiramente materialista, segundo o qual, em última análise, a realidade se transformaria a si mesma, sem a atuação dos homens, meros objetos, então, da transformação. Estas duas maneiras errôneas de considerar o homem e de explicar sua presença no mundo e seu papel na história, originam também concepções falsas da educação. Uma que, partindo da negação de toda realidade concreta e objetiva, afirma a exclusividade da consciência como criadora da própria realidade concreta. Outra que, negando praticamente a presença do homem como um ser da transformação do mundo, subordina-o à transformação da realidade, que se daria sem sua decisão. Tanto erra o idealismo ao afirmar que as ideias separadas da realidade governam o processo histórico, quanto erra o objetivismo mecanicista que, transformando os homens em abstrações, nega-lhes a presença decisiva nas transformações históricas. Na verdade, não conduz à coisa alguma a educação que esteja fundada numa ou noutra destas formas de negar o homem. É preciso vê-la, portanto, em sua interação com a realidade, que ele sente, percebe e sobre a qual exerce uma prática transformadora. (FREIRE, 1969, p. 51).

Portanto, a educação e, por sua vez, a Extensão Universitária, não se resumem apenas à transmissão de conhecimentos técnicos, mas sim, em última instância, à prática da liberdade, constitutiva do sujeito, elemento integrante de seu processo de humanização e, por fim, fundamento de sua ação ética.

Esta é a razão pela qual, para nós, a “educação como prática da liberdade” não é a transferência ou a transmissão do saber nem da cultura; não é a extensão de conhecimentos técnicos; não é o ato de depositar informes ou fatos nos educandos; não é a “perpetuação dos valores de uma cultura dada”; não é o “esforço de adaptação do educando a seu meio”.

Para nós, a “educação como prática da liberdade” é, sobretudo e antes de tudo, uma situação verdadeiramente gnosiológica. Aquela em que o ato cognoscente não termina no objeto cognoscível, visto que se comunica a outros sujeitos, igualmente cognoscentes. (FREIRE, 1969, p. 53).

Após a exposição desse riquíssimo referencial teórico nos apresentado por Paulo Freire, descrevemos, a seguir, as experiências vivenciadas no Projeto de Extensão da Engenharia Civil no Programa Vila Fátima.

5 PROJETO DE EXTENSÃO DA ENGENHARIA CIVIL

A PROEX - Pró-Reitoria de Extensão da PUC Minas, cumprindo as suas atribuições de promover a integração entre a Universidade e outros setores da sociedade, propôs ao Curso de Engenharia Civil do Campus São Gabriel a elaboração, desenvolvimento e execução de um projeto para atender as demandas do setor da construção civil.

O exame deste importante segmento da economia indica 02 (duas) particularidades, quais sejam: a) os trabalhadores apresentam carências de qualificação técnica, o que limita o seu mercado de atuação; b) demonstram dificuldades em relação à autoestima. Concomitantemente, os alunos do Curso de Engenharia Civil buscam espaços e experiências para aplicação dos conhecimentos acadêmicos adquiridos. Assim, da confluência dessas necessidades, surgiram, como Projeto Piloto, as Oficinas de Leitura de Projetos de Edificações, realizadas durante a 8ª SCAP – Semana de Ciência, Arte e Política, no segundo semestre de 2016, na PUC Minas – São Gabriel.

Para o Projeto Piloto, organizou-se 01 (uma) equipe, composta por 02 (dois) professores e 04 (quatro) alunos do Curso de Engenharia Civil, responsável por formular todo material didático (apostila, slides, projetos de arquitetura, maquete e exercícios). E, durante 04 (quatro) dias, na Sede do Projeto Providência¹⁶, atenderam aos moradores do Anel Rodoviário e BR 381, no entorno do Campus São Gabriel.

A enorme procura pelas Oficinas, tal como as avaliações positivas de todos os envolvidos (participantes, discentes e docentes), apontaram não apenas o sucesso da empreitada, mas também a conclusão de que o enfoque deveria ser mais profissionalizante, com a expansão dos conteúdos abordados e a perspectiva de possibilitar a geração de renda para as famílias.

Desta maneira, nasceu, em 2017, o Projeto de Extensão da Engenharia Civil que recebeu o nome de: “Projeto de Formação Social e Qualificação Profissional em Leitura e Interpretação de Projetos Arquitetônicos, Estruturais e de Instalações Prediais”. Para a execução, foi firmada uma parceria com o Programa Vila Fátima, tornando-se um Projeto de Extensão Extra Edital com fomento.

¹⁶ ASSOCIAÇÃO PROJETO PROVIDÊNCIA - Há mais de 25 anos, o Projeto Providência acolhe crianças, adolescentes e jovens com idades entre 3 e 23 anos, no período em que não estão na escola. Atua em áreas de alto índice de exclusão social, por meio de suas 03 (três) unidades: Vila Maria (na região de Sabará), Bairro Taquaril e Aglomerado da Serra.

Ao longo da fase de planejamento, foi constituída 01 (uma) equipe, tendo como professores/coordenadores, uma docente com formação em Arquitetura e um professor da área da Engenharia Civil, além de 06 (seis) alunos extensionistas do Curso de Engenharia Civil da PUC Minas - Campus São Gabriel.¹⁷

Em seguida, foi decidido que o público-alvo do Projeto deveria satisfazer algumas condições: a) ser morador das comunidades atendidas pelo Programa Vila Fátima; b) ser alfabetizado; e c) estar desempregado ou ser profissional atuante da construção civil.

Foi definido, igualmente, o objetivo geral do Projeto: oferecer o treinamento em leitura e interpretação de projetos arquitetônicos, estruturais e de instalações prediais: elétricas e hidrossanitárias, bem como proporcionar atividades práticas de canteiro de obras a partir de fundamentos da construção.

Quanto aos objetivos específicos, estes foram assentados de modo a contemplar tanto as comunidades atendidas quanto, simultaneamente, os professores e alunos. Para os membros integrantes, por exemplo, possibilitar a inserção nas comunidades, promover a reflexão sobre o papel do engenheiro/cidadão e sua função social e, seguramente, aplicar os conhecimentos adquiridos na formação acadêmica, enquanto, para aquelas, melhorar a qualidade de vida dos moradores por meio de métodos sustentáveis e seguros da construção civil.

O passo subsequente consistiu na sistematização da metodologia de trabalho, composta pela definição de atividades, responsabilidades e ações para o ano de 2017 e para o primeiro semestre de 2018.

A tarefa inicial se resumiu na seleção dos extensionistas através de Edital Interno da PUC Minas, que avaliou, como pré-requisito, o estágio da formação acadêmica dos candidatos. Por sua vez, a confecção do material didático demandou dos alunos um vasto trabalho de pesquisa nas áreas da arquitetura, estruturas e instalações prediais, assim como exigiu dos professores/coordenadores a respectiva orientação e revisão. Finalmente, reuniões periódicas da equipe facilitavam o acompanhamento do progresso das atividades, ao mesmo tempo, que permitia o treinamento dos extensionistas.

Cumprida a etapa de preparação, era chegada a hora de irmos ao encontro da comunidade para a realização do que estava delineado. Impossível não perceber o misto de sentimentos que dominava os componentes do Projeto, que alternavam da ansiedade e do temor ao

¹⁷ Neste momento, cabe esclarecer e ressaltar que a participação, do primeiro autor deste artigo, no Projeto se deu na condição de voluntário. A despeito de ser graduando no Curso de Psicologia da PUC Minas – São Gabriel, o convite, feito pela Coordenação, e o respectivo consentimento se justificaram não apenas em razão da formação universitária inicial ser na Engenharia Elétrica, mas, também, pela importância e relevância do trabalho desenvolvido na Extensão Universitária e a perspectiva que se vislumbrava, o que acabou se confirmando, de ser um espaço de observação e pesquisa.

bem-estar e a coragem. Nesse cenário, iniciou-se, nas salas de aulas do Programa Vila Fátima, a primeira atividade de campo, propriamente dita, que foi capacitar, em leitura e interpretação de projetos, os inscritos nas Oficinas de Formação Teórica.

Posteriormente, para a qualificação em fundamentos da construção, foi implantado um canteiro de obras nas instalações do Programa Vila Fátima, onde pequenos grupos de inscritos nas Oficinas Práticas realizaram atividades de alvenaria, revestimento e instalações elétricas. Por último, foi prevista, para o ano de 2018, a incumbência de diagnosticar as patologias construtivas em moradias da comunidade e, posterior, intervenção.

Consideramos, no final, que a execução do Projeto no ano de 2017 transcorreu de forma satisfatória, sendo atingidos todos objetivos. Ao todo, foram treinados 28 (vinte e oito) alunos, em 02 (duas) turmas, nas Oficinas Teóricas, no primeiro semestre; e 08 (oito) participantes concluíram o treinamento prático, de canteiro de obras, no segundo semestre.

Desta experiência, cabe destacar 02 (dois) momentos muito significativos da participação do Escritório de Integração do Curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC Minas - Coração Eucarístico.

No primeiro, um professor do Escritório de Integração acompanhou os alunos extensionistas e os participantes das Oficinas em uma incursão nas comunidades próximas do Programa Vila Fátima. Uma extensionista assim se expressou no relatório de atividades do Projeto:

A princípio, houve uma roda de conversa, com as devidas apresentações, e, depois, foi proposto pelo professor uma caminhada pelo bairro. Essa caminhada foi em direção à casa de um dos alunos que não havia ido à aula devido a problemas de saúde. No caminho, foram observados vários pontos da região, como: o desenvolvimento das casas, o rio que corta o bairro, a arquitetura das construções, o tipo de pavimentação utilizado nas ruas, o tamanho das calçadas, a distribuição dos lotes, ocupações e as áreas verdes. Todos esses pontos foram comentados tanto pelo professor, quanto pelos alunos, sendo possível refletir sobre as contradições existentes na cidade, sobre os “ideais” estabelecidos, sobre como o espaço se distribui e como são importantes as características e participação da população. Além disso, foi ressaltada a relevância da autoconstrução e a importância dos moradores se unirem com um “pensamento político” para realizar suas atividades. Ao chegar à casa do aluno, ele ficou muito satisfeito com a participação da turma, sendo possível continuar a roda de conversa, falando também de conceitos de bacia hidrográfica, problemas de drenagem urbana e como o homem se relaciona com o espaço urbano e a natureza.

No segundo momento, o Projeto contou com a presença de um aluno do Curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC Minas – Coração Eucarístico, que abordou e debateu, com os participantes das Oficinas, os mais variados aspectos da cidade. Por exemplo, esclareceu como a cidade se distribui, partindo de conceitos de infraestrutura, mesoestrutura e superestrutu-

ra. Expôs, ainda, técnicas bioassustentáveis aplicadas na ocupação Izidora¹⁸, tais como: o círculo de bananeira, a casa de pau-a-pique e alguns modelos de contenção.

A execução do Projeto, ao longo do ano de 2017, viabilizou a elaboração de uma pequena, mas importante, base de informações, na qual ficou constatado que: a) a faixa etária predominante dos participantes é entre 18-25 anos (no total, 13 - treze); b) houve equilíbrio quanto ao sexo dos participantes, com 15 (quinze) homens e 13 (treze) mulheres; c) o nível educacional da maioria é o ensino médio com 21 (vinte e um) participantes; d) o melhor meio de divulgação das Oficinas é a amizade com 10 (dez) indicações; e e) 17 (dezesete) participantes já trabalharam ou trabalham, sendo que as áreas de atuação estão distribuídas, equilibradamente, tanto no aspecto do setor econômico (construção civil, comércio, indústria, etc.) quanto na multiplicidade das funções exercidas (apontador, armador, carpinteiro, preparador de massa, amarração de ferragens, balconista, operador de caixa, auxiliar de compras, auxiliar de loja, segurança patrimonial).

Outro fato a ser salientado é que, no início das aulas teóricas, os participantes foram convidados a responderem perguntas a respeito de suas motivações, esperanças e como percebiam a influência das Oficinas em suas vidas comunitárias. Nessa oportunidade, apuramos que a busca pelo conhecimento era a maior motivação; que a expectativa de conseguir trabalho era a maior esperança; e que o impacto do Projeto era relevante e imensurável.

Ao término das Oficinas Teóricas, repetimos a pesquisa e os resultados foram comoventes depoimentos de todos os envolvidos. Na ocasião, um aluno extensionista expressou a sua satisfação, pois era a primeira vez que ensinara algo a alguém, o que, por si só, era motivo de extrema felicidade. Por sua vez, um aluno participante, emocionado, revelou que se sentia muito bem naquele momento, pois havia atravessado momentos difíceis com sua família, de quem não recebeu qualquer estímulo, muito pelo contrário, a resistência foi enorme. Enquanto, para outra participante, sua maior motivação, para ali estar, era se qualificar e, assim, poder acompanhar o marido em seu trabalho de mestre de obras.

Encerramos aqui este breve relato do Projeto, contemplando a sua parte visível. Entretanto, há muito mais no invisível, que não deixa de ser real e nem é menos importante, o que abre as portas para as reflexões seguintes e as conclusões.

¹⁸ Conjunto de assentamentos urbanos, iniciados em 2013, na região norte de Belo Horizonte, formado por 03 (três) vilas interligadas (Esperança, Rosa Leão e Vitória), e que conta com cerca de 30.000 pessoas.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Cabe, agora, articular as reflexões com a realidade experimentada. Em outras palavras, promover um especial encontro dialógico entre a nossa práxis, as realidades das comunidades atendidas e os ensinamentos de Paulo Freire.

A despeito de todo planejamento, pesquisa, cuidado e zelo, talvez ainda nos tenha passado despercebido um detalhe de grande importância, qual seja: íamos ao encontro do outro e que este sempre nos surpreende.

Contudo, ao contrário do que possa indicar, os eventuais equívocos do Projeto não foram motivos de desânimo nem considerados como pontos negativos. E sim o oposto, foram alertas para correções, bem como, ao final, confirmaram que somente através das experiências dialogadas será possível surgir, de dentro para fora, o senso crítico capaz de transformar as realidades.

Em consonância com o pensamento de Paulo Freire, os encontros promovidos na Extensão precisam ser dialógicos, diferenciando-se, substancialmente, dos encontros técnicos. Se para estes, o “levar” ou “substituir” conhecimento é o objetivo, para aqueles, o acento, conforme Hycner¹⁹ (1995, p. 67), está “na capacidade e o desejo de estabelecer relacionamentos significativos com os outros, ao mesmo tempo, respeitando a singularidade do outro e a nossa”.

Um dos mais significativos exemplos da evolução do Projeto foi constatar a necessidade da mudança do nome. De um título extenso, tradicional e tecnicista, “Projeto de Formação Social e Qualificação Profissional em Leitura e Interpretação de Projetos Arquitetônicos, Estruturais e de Instalações Prediais”, alteramos para a simplicidade, a inovação e, principalmente, a humanização de: “Canteiro Escola: Formação de Competências na Construção Civil”.

A nova denominação traz em si uma inversão na orientação do olhar e o sentido da verdadeira Extensão Universitária. Em outras palavras, é a consolidação de que devemos manter, em nossas ações, uma atenção intencional de nossas consciências para, em diálogo com o outro, formar competências (humanas e éticas) nos membros das comunidades e que, assim sendo, eles se tornarão os verdadeiros agentes das transformações sociais.

Não podemos deixar de destacar, novamente, a citada participação do Escritório de Integração do Curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC Minas – Coração Eucarístico. A Ar-

¹⁹ Richard Hycner – Psicólogo estadunidense. Especialista em Gestalt - Terapia.

quietude, a ciência da forma, da beleza e da estética, encontrava-se, dialogicamente, com a Engenharia Civil, a ciência da solidez, do aço e do concreto, das fundações e estruturas. Desse modo, cada uma, com suas particularidades, mas sempre em diálogo, buscava promover o encontro da forma, da beleza e da estética do ser humano, humanizando-o e levando-o a construir, com solidez, uma base para que as suas ações sejam éticas.

Quando do início das primeiras Oficinas, eram visíveis os receios, as dúvidas, a ansiedade e, especialmente, o delineamento de 02 (dois) grupos com expectativas, se não antagônicas, pelo menos distintas: um carente, que se coloca como receptor; e o outro como transmissor. Enfim, tratava-se de um conjunto de pessoas que se reunia com o simples propósito técnico de ensinar e aprender.

Porém, a aparente simples mudança na disposição das cadeiras em sala de aula – passou-se de fileiras para um semicírculo – foi capaz de tornar mais permeáveis as antes rígidas fronteiras entre os grupos. Substituiu-se a dúvida e a desconfiança pelo crédito e pela esperança. Pouco a pouco, as aulas, muitas vezes áridas pela técnica, foram ficando mais leves e agradáveis. Nos intervalos, havia breves momentos de descontração, tudo era esquecido e trocava-se a dureza da vida pelo otimismo, com os participantes dedilhando violas e cantando.

Por fim, uma vez encerradas as Oficinas Teóricas e Práticas, a partir dos depoimentos, discutimos as possíveis causas de evasão dos participantes do Projeto. 03 (três) motivos foram citados: alguns se empregaram; outros perceberam que não era a construção civil uma área de seus interesses; e, por fim, alguns desistiram, pois se assustaram, no início, com o conteúdo apresentado de matemática básica.

Quanto a primeira justificativa, esta é motivo de muita alegria, porque é a troca do desemprego pelo emprego; em relação a segunda, não há muito o que fazer, pois se trata de opção pessoal, a qual deve ser respeitada. No entanto, quanto a terceira, esta sim merece um exame bastante cuidadoso. Mais uma vez, Freire vem nos iluminar como uma simples explicação sobre o aprendizado matemático através do diálogo.

O que se pretende com o diálogo não é que o educando reconstitua todos os passos dados até hoje na elaboração do saber científico e técnico. Não é que o educando faça adivinhações ou que se entretenha num jogo puramente intelectualista de palavras vazias.

O que se pretende com o diálogo, em qualquer hipótese (seja em torno de um conhecimento científico e técnico, seja de um conhecimento “experencial”), é a problematização do próprio conhecimento em sua indiscutível reação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la. Se 4×4 são 16, e isto só é verdadeiro num sistema decimal, não há de ser por isto que o educando deve simplesmente memorizar que são 16. É necessário que se problematize a objetividade desta verdade em um sistema decimal. De fato, 4×4 , sem uma relação com a realidade, no aprendizado sobretudo de uma criança, se-

ria uma falsa abstração. Uma coisa é 4 x 4 na tabuada que deve ser memorizada; outra coisa é 4 x 4 traduzidos na experiência concreta: fazer quatro tijolos quatro vezes. Em lugar da memorização mecânica de 4 x 4, impõe-se descobrir sua relação com um que fazer humano. (FREIRE, 1969, p.34).

Hoje, percebemos que muito da Extensão, criticada pelo referido autor, estava presente no Projeto. No entanto, somente quem se encharca das realidades pode dialogar sobre elas e, portanto, transformá-las.

7 CONCLUSÃO

Na abertura do presente artigo, esboçamos a contextualização de nosso mundo contemporâneo, o que nos leva à confirmação de que vivemos uma grave crise de constituição humana.

Refletimos que somente com a clarificação e a vivência do real significado do processo de humanização será possível edificar bases sólidas para que as ações humanas sejam, verdadeiramente, éticas.

Prontamente, percorremos o riquíssimo referencial teórico deixado pelo educador Paulo Freire, que, preliminarmente, dedicou-se à análise semântica da palavra Extensão e, dessa forma, identificou os inúmeros equívocos em projetos dessa natureza. Para ele, a verdadeira Extensão é um novo processo educacional, baseado em encontros dialógicos e reflexões filosóficas, que liberta os sujeitos, para que estes se tornem senhores de suas vidas e de suas histórias e agentes transformadores de suas realidades comunitárias.

Por fim, narramos as experiências vivenciadas, em 2017, no Projeto de Extensão da Engenharia Civil no Programa Vila Fátima.

Nos projetos de Extensão, podemos até intentar medir o seu desempenho com diversos indicadores, mas nunca conseguiremos saber o que se passou profundamente no espírito de cada integrante da experiência. Isto estará guardado na singularidade do homem e não está ao alcance de ninguém.

Gratifica-nos, porém, a sensação de que estivemos disponíveis para o outro e que ele nos acolheu em seu coração. Naqueles momentos, construímos redes de relações, não havendo mais professores e participantes, instrutores e aprendizes, mas sim pessoas que dialogaram e que, independentemente da continuidade da presença física, estarão, definitivamente, interligadas.

Portanto, a Extensão Universitária é mediadora e catalisadora do encontro dialógico dos sujeitos e das suas realidades comunitárias. Ambos, no mundo contemporâneo, encon-

tram-se afetados por uma conformidade à “inconsciência da consciência homologada”, que os desumanizam, fazendo com que os sujeitos percam o sentido e o valor de bem comum, tornando-os incapacitados no agir ético.

No entanto, embora afetados, os sujeitos continuam a intervir em suas comunidades, desumanizando-as, as quais, por sua vez, realimentam os primeiros, definindo, então, um fluxo constante de desumanização e carência ética, que urge ser eliminado.

A interrupção de tal fluxo e a construção de novas realidades emergirão a partir da humanização e da conscientização do agir ético daqueles que estiverem imersos ao meio, de modo que, uma vez libertados, apropriam-se de suas vidas e história e se tornam os verdadeiros agentes das transformações sociais.

Portanto, é possível afirmar que a Extensão Universitária é lugar, por excelência, de construção humana e ética.

REFERÊNCIAS

Associação Projeto Providência. Disponível em:

<<http://arquidiocesebh.org.br/arquidiocese/instituicoes/associacao-projeto-providencia/>>.

Acesso em 20 dez. 2017.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado, 1988.

CABADA CASTRO, Manuel. **A Vigência do Amor:** Afetividade, Humanização e Religiosidade. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

COMTE-SPONVILLE. **Dicionário filosófico.** São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa.** 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro, RJ: Editora Nova Fronteira, 1986.

FRANKL, V. E. **A psicoterapia na prática.** C. M. Caon, trad. Campinas, SP: Papirus, 1991.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Paz e Terra, 1983.

GALIMBERTI Umberto. **Os vícios capitais e os novos vícios.** São Paulo, SP: Paulus, 2004.

HYCNER, Richard. **De pessoa a pessoa:** Psicoterapia Dialógica. São Paulo, SP: Summus Editorial, 1995.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia.** Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2008.

Notas de aulas da disciplina Psicologia e Ética, ministrada pelo Professor Doutor Jorge Franca de Oliveira, no curso de Psicologia da PUC Minas – São Gabriel, no segundo semestre de 2017.

Programa Vila Fátima. Disponível em:

<<http://arquidiocesebh.org.br/arquidiocese/atuacao/social/projeto-vila-fatima/>>. Acesso em 20 dez. de 2017.

SEMPRE UM PAPO. 07 de mai. 2014. Palácio das Artes – Grande Teatro. Belo Horizonte, MG. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AqpdZcIDclQ>>. Acesso em 29 dez. 2017.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. Ética e razão moderna. In: Marcílio, Maria Luiza; Ramos, Ernesto Lopes. **Ética na virada do milênio**: “busca do sentido da vida”. São Paulo, SP. LTR, 1999.